



Tríade entrevista Eni Orlandi

Tríade interviews Eni Orlandi

Tríade entrevista Eni Orlandi

Resumo: Exponente das pesquisas em Análise do Discurso no Brasil, Orlandi fala sobre seu percurso nos estudos da linguagem, sobre as especificidades da AD praticada no Brasil, sobre a relação mídia/comunicação/discurso. A pesquisadora se detém na questão da significação, além de tecer um panorama atual das pesquisas em Análise de Discurso desenvolvidas no país.

Palavras-chave: análise de discurso; linguagem; significação.

Abstract: An exponent of Discourse Analysis research in Brazil, Orlandi talks about her career in language studies, the specificities of Discourse Analysis practiced in Brazil, and the relation between media/communication/discourse. The researcher dwells on the issue of signification, besides weaving a current panorama of research in Discourse Analysis developed in the country.

Keywords: discourse analysis; language; signification.

Resumen: Exponente de la investigación del Análisis del Discurso en Brasil, Orlandi habla de su carrera en los estudios lingüísticos, de las especificidades del Análisis del Discurso practicado en Brasil y de la relación entre medios de comunicación/comunicación/discurso. La investigadora se detiene en la cuestión de la significación, además de tejer un panorama actual de las investigaciones en Análisis del Discurso desarrolladas en el país.

Palabras clave: análisis del discurso; lenguaje; significación.



Imagem 1 – Eni Orlandi



Fonte: Marcelo Geovanini.

" O que me parece permanecer constante, no caminho feito, é a questão dos sentidos, da significação: o que significa isso, por que significa assim, o que isso poderia significar se não fosse assim? Por que esse sentido e não outro? "

Penso que foi um percurso de estudos e preferências, que eu chamaria de intelectuais, que me levaram, em certo momento, a esta escolha. Não foi um acontecimento pontual. Foi a persistência em alguns caminhos, nos estudos das ciências da linguagem. Já falei desse assunto em outras entrevistas, mas, em cada entrevista, sempre há detalhes possíveis a serem incluídos. Talvez a oportunidade da gente se dizer melhor em nossa história de vida, já que nada fica parado, em linguagem, e a nossa memória pode se contar em muitas de suas faces. A vida é cheia de versões. Variância. Nós somos múltiplos. Somos nuance, diz Nietzsche. Nesse caso presente, o que aguça minha atenção é ter me perguntado por que *escolhi* trabalhar



principalmente com a Análise de Discurso. E o interessante é que, na realidade, passei, algumas vezes, ao lado da Análise de Discurso, sem me dar conta. Acho que não era “aquela” que eu procurava.

O que me parece permanecer constante, no caminho feito, é a questão dos sentidos, da significação: o que significa isso, por que significa assim, o que isso poderia significar se não fosse assim? Por que esse sentido e não outro? Essa é uma das linhas de vida da linguagem sempre presentes em minha curiosidade. A outra, sem dúvida, era a de, já linguista, e tendo sido filóloga, não ficar aprisionada nos limites da linguística imanente. E, quando na linguística histórica, não trabalhar com a história, enquanto cronologia, nem na perspectiva de causa e efeito. O que, de certo modo, me dirigia para o que eu desenvolveria, mais tarde, como a noção de memória, na análise de discurso, esta que se estrutura pelo esquecimento. Lida, interpretada como historicidade, materialidade. E, efetivamente, me levou à Análise de Discurso a minha busca por um conhecimento que me permitisse trabalhar com a língua no mundo, com sujeitos falando, com o político, com a ideologia, com a sociedade, como parte constitutiva da linguagem.

Nessa direção, Pêcheux é indubitavelmente um dos autores que mais me tocou, atraiu, pela natureza de suas questões, embora eu sempre compreenda de modo particular teorias, conceitos. No meio dos outros. Todo dizer, em mim, faz efeito, entre outros dizeres, formas de conhecimento entre outras, com as quais convivo em minha formação, minhas leituras, meus contatos, minhas pesquisas. Em Pêcheux, a relação discurso e ideologia foi fundamental em meus interesses, e a maneira como trouxe para a reflexão o sujeito (descentrado) e a situação (condições de produção).

Tenho uma vida intelectual movimentada, eu diria, e gosto de pensar por mim mesma. Me dou a minhas interpretações. A memória, pensada como versões de formulações, já lá, imagens do dizer, faz da memória, na perspectiva em que eu a penso, e trabalho, um lugar teórico para eu



observar o discurso em sua filiação. Ou suas filiações. Quando falo em história, na Análise de Discurso, estou falando de historicidade, de materialidade, de discursividade, de alteridade, de interpretação. De ideologia: o que está presente por sua ausência necessária. Aquilo que não se sabe, mas existe produzindo efeitos. O latente, o pulsante, o invisível. Era aí que eu me sentia muito à vontade, pela minha linhagem política, no que eu chamaria de um campo de conhecimento específico, o da relação linguagem e ideologia, nos processos de significação sociais, determinados historicamente.

O domínio do social e do político eram minhas constantes, em minha formação universitária. Se a linguagem sempre me fascinou, foi na universidade que amadureci para a Análise de Discurso. Na convivência – um conhecimento no meio dos outros – dos estudos da linguística, da filologia, da literatura, da filosofia da linguagem, da economia, da política, cada um a sua vez e, muitas vezes, juntos e misturados. Na relação das Ciências Humanas e Sociais com as Letras. Letras com letra maiúscula. Latim, grego, inglês, alemão, francês, os estudos filológicos, mas também a música, a poesia, o romance, o prazer da escrita. Junto com a Linguística. Pensar a língua, no modo como me ensinou Saussure, foi marcante na minha formação. E o estruturalismo foi uma prática científica nos estudos da linguagem aos quais me dediquei profundamente. O que me livrou de cair na armadilha do conteudismo: pensar o sentido, como questão, não me fechava no conteúdo, me levava a questionar o como os sentidos se fazem sentidos. Chomsky me interessou pelo lugar dado à teoria, mas não pelo formalismo. A escolha pela Análise de Discurso, penso, veio, antes de tudo, por falar em sujeito, em sentidos, por tratar da relação da linguagem com sua exterioridade, de forma constitutiva. Não precisava juntar, somando, o que era social, o que era histórico, o que era político, com o que eu já conhecia sobre a linguagem. A escolha se firmou com a admiração pela noção de processo, de movimento, de funcionamento, de interdiscurso, de não centralidade do sujeito, de determinação histórica dos sentidos, de



materialidade, de metaforização. Discurso como efeito de sentidos. Conhecer a Análise de Discurso, como a propõe M. Pêcheux, trouxe a descoberta de um caminho rico, fértil, a percorrer, para compreender o que é linguagem, no mundo; sujeitos significando e se significando.

Tríade: Em seus trabalhos, percebemos o interesse pela análise de diferentes objetos simbólicos: o corpo, a cidade, as tatuagens, o digital são alguns deles que, ao que parece, não figuravam no projeto inicial da Análise de Discurso proposta na França. Podemos dizer que há no Brasil uma Análise de Discurso diferente daquela proposta inicialmente e/ou que é praticada atualmente em seu país de origem?

Sim, a Análise de Discurso no Brasil se caracteriza por um desenvolvimento particular e diferenciado. Eu diria que a análise de discurso é fecunda justamente porque ela permite que as condições em que ela se pratica façam parte dos processos de conhecimento dos discursos que ela se propõe trabalhar, em outras palavras, da forma de conhecimento que ela produz. Os resultados significam a conjuntura, no nosso caso, brasileira, em que ela se faz. Aporta consigo as condições de todo um processo de produção de conhecimento instalado aqui, condições que se projetam no conhecimento produzido. As condições brasileiras para a constituição e produção da Análise de Discurso são muito diversas daquelas em que trabalhou M. Pêcheux. Não só porque os materiais que analisamos são diversos, mas, sobretudo, porque não vemos, desde o início, a Análise de Discurso, como mero “puxadinho” teórico da Linguística. E foi por este caminho que a Análise de Discurso, pensada por Pêcheux, acabou enveredando, por bastante tempo, na França, após a sua morte. Na minha opinião, abandonaram o que era mais profundo na construção dos andaimes, como ele dizia, da forma de conhecimento da linguagem que ele propunha, mesmo se, como resultado dos que trabalharam com ele, neste projeto, resultaram formas de trabalhar a relação da linguística com a



psicanálise, com as teorias da enunciação, com a história, e mesmo com disciplinas como a sociolinguística e a dialogia. Também diferimos pelo grande impulso dado à teoria do discurso no Brasil, pela sua elaboração, resultante da articulação entre teoria e análise.

Além disso, penso que há uma diferença de princípio: Pêcheux era filósofo, eu sou linguista de formação. Isto refletiu forte em minha prática como analista de discurso. O percurso que eu havia feito pela linguística havia esgotado a possibilidade de resposta a muitas de minhas questões. Era necessária uma “mudança de terreno”, como pede Pêcheux. Terreno em sentido amplo. Não era só o discurso político que interessava. O que me interessava era o político como constitutivo da linguagem, e isto, que era muito forte no trabalho proposto por Pêcheux, nem sempre era praticado pelo seu grupo. Por outro lado, como linguista, e não filósofa, como Pêcheux, eu trazia uma proposta de analisar o discurso sem fundamentar o modelo de análise nos formalistas, na informatização do modelo, ou nas teorias sociais da linguagem ou enunciativas. Não era o enunciado que me interessava, era a unidade de sentido em relação à situação. Eram os sujeitos em suas relações, e em relação à constituição, produção e circulação dos sentidos. Era a relação da linguagem com a ideologia e a interpretação. Considerava levar às consequências mais efetivas o fato de que a Semântica não é só mais um nível de análise. Como diz Pêcheux, é o ponto nodal em que a linguística tem a ver com a filosofia e com as ciências humanas e sociais.

Já no meu terreno, as propostas de análise, os procedimentos teórico-analíticos, tendo como base a relação linguagem e ideologia, se estruturavam face à relação contraditória entre a paráfrase e a polissemia. Os temas que me tocaram, desde o início, na análise, eram o Mesmo e o Diferente, a não completude, a falha como lugar do possível. A noção de forma-material que cunhei e desloquei do domínio da minha formação no estruturalismo. E a minha descoberta do silêncio como materialidade significativa específica e fundante da discursividade. Essas possibilidades de



trabalho, definiram um percurso na Análise de Discurso, muito diferente do que estavam trabalhando na França. Em que, após a morte de Pêcheux, a linha dominante, durante muito tempo, foi a Análise Linguística do Discurso. Ficar no entremeio, como queria Pêcheux – entre a Linguística, a Psicanálise e as Ciências da Formação Social, – era uma arte a que os analistas de discurso no Brasil se dedicavam com prazer. De minha parte, tinha como ponto nevrálgico dos estudos e pesquisas a articulação linguagem, ideologia e interpretação.

Quanto aos materiais de análise, sou sensível à nossa conjuntura sócio-política. O grafite, o rapper, a tatuagem, a dança em geral, a arte dos cadeirantes, o trabalho com índios, o interesse pelos meninos do tráfico, pelas mulheres na periferia, pelos sujeitos invisíveis na sociedade, as minorias, o preconceito, e muitas outras manifestações da linguagem, em seus diferentes materiais significantes, eram inevitáveis para trabalhar a diferença, a segregação e, também, a resistência. Se, na França, se debruçavam mais sobre o discurso político e sobre escritos, no Brasil, a proposta era trabalhar não só o escrito, mas também o oral, e múltiplos funcionamentos discursivos em suas diferentes formas-materiais, em diversos processos de significação: fotonovela, revistas femininas, discursos feministas, romances populares, vendidos em quiosques de jornal, mas também discursos político, jornalístico, jurídico, religioso, da reforma agrária etc. Particularmente, fiz um trabalho de fôlego sobre o Discurso Pedagógico que foi também objeto de curso na pós-graduação que dei na USP, nos anos de 1970. Já nos anos 1990, vale ressaltar o acontecimento que foi, na Análise de Discurso praticada no Brasil, a fundação de um Laboratório de Estudos Urbanos, que trouxe toda uma forma de ver, conceber e analisar os discursos, nas condições de produção específicas que marcam os efeitos de sentidos do espaço da cidade. O trabalho com o espaço, como espaço de significação, abriu todo um programa de pesquisas para estudiosos e pesquisadores sobre Cidade, que passaram a ter como referência também o campo da linguagem. Além,



claro, da importância de termos trazido para o Brasil (anos 1980) o projeto História das Ideias Linguísticas, concebido a partir da perspectiva da Análise de Discurso, o que permitiu trabalhar em profundidade as questões dos discursos da colonização e de nossa identidade linguística, social, histórica e científica. Em que a noção de processo, a de movimento, a de indistinção, a de incompletude eram fundamentais.

Como se pode observar, a Análise de Discurso, no Brasil, encontrou solo fértil e, na análise de diferentes objetos analíticos, desdobrou-se em múltiplas direções, afetando não só o seu próprio território, como o conhecimento de muitas outras áreas de estudos e pesquisas.

“...a linguagem serve para comunicar e para não comunicar. Penso que, nas manifestações atuais das diferentes mídias, nunca isto esteve tão presente: a não comunicação, no sentido que a podemos compreender discursivamente. Quanto à informação, também, se tomarmos a perspectiva do discurso, podemos dizer que a saturação, a guerra da desinformação e outros fenômenos languageiros similares (como as fake news?) têm tornado a designificação um dos riscos que corremos cotidianamente”.

Tríade: *Para a maioria das teorias da comunicação, a mídia, considerada em seu sentido amplo, é um espaço privilegiado de comunicação e transmissão de informação, seja através do linguístico, seja através de outros sistemas simbólicos. Se estamos mesmo na chamada era da informação, como a Análise de Discurso pode contribuir para os estudos da comunicação que buscam compreender as relações entre mídia e sociedade, promovendo uma virada de olhar sobre a linguagem, a partir de seu funcionamento (e não de sua função comunicativa)?*

Eu iniciaria minhas observações, lembrando que, na Análise de Discurso, aprendemos, com Pêcheux, que a linguagem serve para comunicar e para não comunicar. Penso que, nas manifestações atuais das diferentes mídias, nunca isto esteve tão presente: a não comunicação, no



sentido que a podemos compreender discursivamente. Quanto à informação, também, se tomarmos a perspectiva do discurso, podemos dizer que a saturação, a guerra da desinformação e outros fenômenos linguageiros similares (como as fake news?) têm tornado a dessignificação um dos riscos que corremos cotidianamente. Por isso considero tão relevante trabalhar com análise de discurso. Não porque faltem sentidos, mas porque excedem, produzindo o non-sense, a indistinção, o incompreensível. Ilusões da/na linguagem, que merecem uma mirada discursiva para saber como ela funciona. Nem sentidos, nem sujeitos são exatos. Esta é nossa matéria prima.

Certamente, é a partir da exploração do funcionamento das múltiplas linguagens, e do funcionamento do digital - já que podemos considerar que, contemporaneamente o digital se apresenta como condição de novas discursividades - que melhor vamos nos aproximar dos efeitos de sentidos, na busca do real nos processos de significação.

No conjunto informação, comunicação, mídia, cabe falar do desenvolvimento amplo das tecnologias de linguagem e do digital, das redes sociais. Isto significa passar a tematizar um novo fato de linguagem, e que trouxe uma contribuição enorme para o desenvolvimento de outras formas de análise, atentas a esses distintos materiais. São novas discursividades que ocupam a Análise de Discurso, que, na relação constituição/formulação/circulação, primam pelos circuitos de linguagem que instalam. Também trazem consigo novas formas de interpelação do sujeito pela ideologia, produzindo múltiplos e distintos modos de individuação dos sujeitos na articulação simbólico-política pelo Estado. Uma outra cultura do escrito, em suas formas plurais. Tem-se a mídia oficial e, também, os blogueiros. Tudo é Mídia. Tudo isso é fascinante, na Análise de Discurso, em suas potencialidades, e é objeto dos estudos e pesquisas atuais.

Por seu lado, o tema que vem nesta pergunta demanda mais tempo e espaço para responder, pois o assunto de que trata, a Mídia, hoje, vale,



em si, uma entrevista inteira. Na verdade, é tema para se explorar pensando a ruptura de processos de significação e a inauguração de outras relações entre sujeitos, história e linguagem. Por isso, ficamos apenas em algumas sugestões de reflexões, pensando a comunicação e a não-comunicação, tomando como objeto sistemas complexos significantes, considerando a relevante articulação do simbólico com o político, em novas formas da argumentação, na certeza de que está-se produzindo um novo circuito dominante das condições de desenvolvimento das discursividades contemporâneas. E a Mídia está no centro dessas condições. Daí a importância que adquire, não só significando politicamente a partilha do direito à livre expressão e a ética da comunicação, mas também a força da mediação na relação da Sociedade com o Estado.

Da perspectiva dos estudos e pesquisas, têm-se desenvolvido muitos trabalhos, reflexões e análises nesse campo. Há elaborações importantes que, numa relação de conhecimentos avançados, com a informatização, produzem resultados relevantes na construção de dispositivos de leitura que exploram a automatização, abrindo fissuras na pretendida oposição estrita entre a máquina e o cérebro. O digital não é mais uma novidade e a Mídia que se constitui nessa conjuntura simbólico-política já se mostra em suas especificidades, na reconfiguração do poder da informação. Quanto à relação Mídia e Sociedade, por este mesmo gesto de compreensão da materialidade discursiva atual, com o funcionamento das tecnologias, também se desenvolve o conhecimento discursivo na redefinição do que são relações sociais, nessas condições, visando compreender o modo como a linguagem significa (n)as relações sociais e está presente no próprio funcionamento da sociedade contemporânea.

Tríade: *Como você vê o panorama atual das pesquisas desenvolvidas em Análise de Discurso no Brasil?*

O panorama atual se apresenta muito enriquecido por todos estes anos de trabalho, por um grande grupo de pesquisadores, dispersos pelo



Brasil todo, com seus interesses, suas pesquisas, seus resultados já avançados de análise. Multiplicam-se os modos de praticar a Análise de Discurso que se filia a M. Pêcheux. Na França, também há desenvolvimentos importantes dessa filiação, em anos mais recentes, em relação à fundação nos anos 1960.

No Brasil, penso que, como acontece com toda teoria que se desenvolve, ela tem suas diferentes tendências, como a funcionalista, a pragmática¹, além de modalidades como a Análise Linguística do Discurso, ou a Análise Enunciativo-discursiva, etc. Tem forte influência em muitas disciplinas distintas que trabalham com significação.

O nome Análise de Discurso Materialista, atribuída à análise de discurso que tem sua filiação em M. Pêcheux, é uma denominação descritiva e identifica a tendência filosófica dessa análise. Há, em geral, um consenso em denominá-la como Análise de Discurso, sem adjetivos. Isso tem sido suficiente para distingui-la da análise de discurso de tendência pragmática, ou funcionalista ou linguística, ou enunciativa etc.

Feitas estas considerações, penso que a Análise de Discurso, que se desenvolveu no Brasil, alcançou sua maturidade, há já muitos anos, e hoje apresenta resultados teóricos e metodológicos extremamente variados e ricos, abundantes. Com consequências importantes no que a qualifica no campo das Ciências Humanas e Sociais, não só como um acréscimo, mas como uma disciplina da interpretação que muda o estatuto dos estudos da linguagem neste domínio. Antes de tudo ampliando o domínio das Ciências da Linguagem, pela constituição da Semântica Discursiva. Por outro lado, o objeto discurso, tal como é definido na Análise de Discurso, é um objeto novo, que transforma a relação com as Ciências Humanas e Sociais, além de ampliar seu campo de interesse e legitimidade também entre as outras ciências. A compreensão de um mundo em que se praticam as ciências e as

¹ Esta é uma tendência ampla que inclui os que, distintamente, se autodenominam de tendência epistemo-pragmática.



tecnologias, como contemporaneamente, não prescinde de uma forma de conhecimento como a produzida pela Análise de Discurso.

Se se pode falar em um corte epistemológico produzido pela Linguística, pela Psicanálise e pela Teoria das Formações Sociais, no fim do século XIX, sem dúvida outro corte igualmente importante se dá, no século XX, com a introdução do *discurso* como objeto de conhecimento, tal como é definido pela Análise de Discurso. As questões da e sobre a linguagem mudam de lugar. E os desenvolvimentos da Análise de Discurso, sobretudo no Brasil, contam muito nesta mexida epistemológica. Mexida que deslocou conceitos fundamentais como os de sujeito e sentido, de ideologia e interpretação, memória discursiva, silêncio, metáfora e muitos outros. Produção de uma ruptura que repercute no domínio das ciências em geral, já que, a partir da Análise de Discurso, nenhuma forma de conhecimento desconhece a não-transparência da linguagem face a qualquer objeto científico.

Com o desenvolvimento da práxis da Análise de Discurso no Brasil, particularmente, o que chamamos de Semântica Discursiva² adquire mais corpo e sentido. Ponto nodal em que não podemos pensar os sentidos desdenhando a filosofia e a ciência das formações sociais, ou, como diz P. Henry, a questão do sentido é uma questão aberta. Porque é uma questão filosófica. Daí a necessidade de uma análise, como a discursiva, considerando a abertura do simbólico; daí a definição da teoria do discurso como a determinação histórica dos processos de significação. E eu acrescentaria “em seu real”. É a Semântica Discursiva, tal como a trabalhamos, que abre espaço para a consideração da metáfora, da compreensão da interpretação como interface da ideologia, e da

² Semântica Discursiva “é a análise científica dos processos característicos de uma formação discursiva, que deve dar conta da articulação entre o processo de produção de um discurso e as condições em que ele é produzido. Não é uma semântica lexical, e deve ter como objeto os processos de arranjo dos termos em uma sequência discursiva e em função das condições em que a sequência discursiva é produzida” (PÊCHEUX, 1988 [1975], p. 174). É a partir dessa definição de Semântica de Pêcheux que tomamos posição face à abertura do simbólico, e confrontamos a articulação entre o simbólico e o político.



argumentação, ideologicamente estruturada, sustentando a exploração de novas formas da retórica, e novos funcionamentos do político. Novas formas de assujeitamento. Distintos modos de individuação do sujeito em sua forma-histórica. Tudo isso, junto, forma o acontecimento discursivo mais importante e definidor da relevância atual dos estudos da linguagem. Análise não-subjetiva dos processos de significação, em que entrevemos o trabalho do equívoco, a simbolização do político e a errância de sujeitos e sentidos. Análise que não reproduz o efeito-sujeito, mas o reconhece.

O panorama atual de abrangência da Análise de Discurso, materialista, é extremamente promissor, dadas as questões, as demandas de conhecimento e de compreensão, que tocam a linguagem, seja via Estado, em sua articulação simbólico-política, ou através da própria busca das Ciências, em uma Sociedade que tem como marca ser uma Sociedade do Conhecimento, com suas Tecnologias e suas exigências científicas.

Em seu domínio, as análises transbordam os limites do já conquistado, e os trabalhos desenvolvidos por pesquisadores filiados à teoria materialista de discurso, proposta por M. Pêcheux, abrem-se para o devir, com elaborações acumuladas nas condições de produção científica atual, que não estacionam no cálculo e atingem os processos de significação em seu âmago. Articulando paráfrase e metáfora, estrutura e acontecimento, o estável e o sujeito a equívoco, apontando para a movência dos sujeitos e sentidos e para as diferentes formas de simbolização do político. É sendo atenta à conjuntura vigente que essa prática analítica encontra seus sentidos. Se nos voltamos para a conjuntura sócio-histórica-política, a Análise de Discurso tem todos as ferramentas para situar-se criticamente. Dado seu objeto, e seus métodos e teoria, pode praticar-se sem que a relação linguagem, pensamento, mundo se curve à relação cérebro, máquina, sociedade, declinada pelo mercado e trabalho. Questão de superação. A Análise de Discurso a que nos filiamos, com seus instrumentos teórico-metodológicos vai além do que não é opaco, daquilo que é sem sujeito. Trabalha com o que tem resto, é incompleto, porque



pensamento, sujeito e sentido têm materialidade. Como afirmei, não são transparentes, nem exatos. Não coincidem consigo mesmos. Assim como o gesto de interpretação – nosso leitmotif – que não é só Um, em sua materialidade.

Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi possui graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara (1964), mestrado em Linguística pela Universidade de São Paulo (1970), doutorado em Linguística pela Universidade de São Paulo e pela Universidade de Paris/Vincennes (1976). Foi docente na USP de 1967 a 1979, onde ensinou Filologia Românica, Linguística, Sociolinguística e Análise do Discurso Pedagógico. De 1971 a 1974 ministrou a disciplina de análise de discurso no curso de especialização em tradução na PUC/Campinas. Atuou como docente do Departamento de Linguística do IEL, na Unicamp, de 1979 a 2002. Implantou e coordenou o Programa de pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Vale do Sapucaí, de 2002 a 2018. É pesquisadora do Laboratório de Estudos Urbanos da Unicamp e professora colaboradora do IEL da Universidade Estadual de Campinas. Atualmente é professora visitante da UNEMAT, atuando no ProfLetras e em Linguística. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: análise de discurso, linguística, epistemologia da linguagem, história das ideias linguísticas, história das ideias discursivas, e jornalismo. É pesquisadora 1A do CNPq.